

O FIGUEIROENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor

José Francisco da Silva
Director e Administrador
Artur de Paiva Furtado

Preço do jornal

(Decreto n.º 6:703 de 24 de junho ultimo)
cada numero—cinco centavos

Annunciam-se as obras das quaes se recebe um exemplar

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia
do

CENTRO REPUBLICANO

Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director
Originas sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados preços convencionaes

Cunha Leal e os acontecimentos de Lisboa

Neste vendaval formidavel de lugubre tragedia em que se debate a politica portugueza, o qual já atirou para a Morte homens eminentes e tem, neste momento, a nacionalidade em gravissimo risco de desaparecer do mapa das nações livres e autonomas, houve um Homem que, se teve erros na sua vida de politico—e Ele já teve a honestidade de os confessar á beira de um tumulto—resgatou-os com a sua acção nobre, generosa, honrada e cavalheiresca durante o desenrolar desses acontecimentos que envergonham a civilização e até toda a humanidade, seja qual for o seu grau de cultura intelectual.

Esse homem é Cunha Leal, o moço parlamentar que todo o mundo hoje venera e admira como a personificação da Honra, da Valentia e do Heroismo!

Sim, Cunha Leal foi um Heroe consciante! Não foi uma lei que o atirou para os campos de uma batalha, onde muitas vezes a sorte faz heroes!

Foi uma alta comprehensão de solidariedade humana, foi o timbre da Honra e o amor do proprio character que o fez esquecer do instinto de conservação para só se lembrar de que um seu semelhante estava num covil de feras e que era preciso arrancar-o á sua sede de sangue!

Torna-se desnecessario relatar os factos porque a imprensa de todo o paiz a eles se tem referido com todos os pormenores.

Temos apenas em vista deixar consignado nas columnas do nosso modesto semanario o nosso preito de veneração pelo grande portuguez que se chama Cunha Leal e

a quem a Patria, pela voz da sua imprensa e por todas as correntes de opinião, colocou já no pedestal de um dos primeiros dos seus filhos!

O nosso colega de Lisboa, «O Seculo» esse colosso de publicidade que á Patria, neste momento de perigo, está prestando os mais assinalados serviços, consagrou a Cunha Leal, num vibrante brado de entusiasmo patriotico e de justiça, o artigo brilhantissimo que passamos a transcrever com a devida venia:

«No meio da *débacle*, no meio da cobardia, no meio da indecisão, no meio do pavor, no meio da fuga, no meio da sangueira, do morticínio e da luta, appareceu um homem! Um homem, no meio dos timoratos, um homem, no meio dos temerosos, um homem no meio das feras. Esse homem foi Cunha Leal!

Nós somos insuspeitos. Nós somos os mais competentes para falar. Nós somos dos que atacaram, cruamente, o ministro das Finanças Cunha Leal. Mas nós somos dos que nos descobrimos ante o Homem. O ministro das Finanças é um politico procurando servir um idealismo que tem por pano de fundo a popularidade. O Homem, esse, não. Esse é uma Alma que ouviu apenas os ditames da sua consciencia, para fazer o que o sr. Cunha Leal fez. E é preciso ser valente. Não haja duvida.

Depois, Cunha Leal era o maior, o mais encarniado inimigo de Antonio Granjo. Duas vezes o estatelara, duas vezes, o odio politico, entre os dois homens publicos, os levava ás do cabo; Cunha Leal era, politicamente, de Antonio Granjo, o que se chama

um inimigo irreconciliavel. Antonio Granjo, vendo-se perdido, a quem foi pedir protecção? Ao seu inimigo, ao homem que o não podia ver, politicamente, ao homem que duas vezes já lhe abria o abismo ante os pés. Calculava ele que em toda a parte o procurariam, menos em casa do homem que lhe queria mal. Maneira singular de prestar culto culto ás qualidades de um inimigo, de um adversario.

Agora, estar tranquilamente em casa e receber a visita de um adversario politico, que nos vem pedir agasalho e refugio! Estar entre a mulher e tres filhos queridos e vêr cair no meio de tudo aquilo um homem perseguido, o mesmo é dizer que deixou o lar de ter segurança e pode ser teatro de acontecimentos sombrios. Pois bem! Cunha Leal recebeu Antonio Granjo, sabendo que recebia o presidente do conselho que todos perseguiam e de que já todos andavam á caça. Recebeu-o e deu-lhe guarida. Deu-lhe guarida e, como todas as almas generosas, deu-lhe todo o afeto que se dá a um grande vencido que nos bate á porta. Foi um Homem. Cunha Leal podia ter-lhe ditto, como muitos diriam:—«Você deve ir-se embora, quanto antes. Você, aqui, não está seguro!» Cunha Leal, hipocrita, teria desviado o perigo do seu lar e teria ficado comodamente brincando com os *bébes*.

Mas, não Granjo bateu, Granjo ficou. E quando o levaram, Cunha Leal—ouçam isto todos os comodistas, todos os que se não mexeram, todos os que, por medo ou conveniencia, pactuaram ou se anonimaram—Cunha Leal, que poderia ter ficado em casa, Cunha Leal não desamparou o seu adversario politico, Cunha Leal não abandonou o seu hospede. Num noite de morticínio, respirando vagos horrores de assalto, carniça e

incendio, Cunha Leal acompanha a força que vem prender Granjo e vae até ao boqueirão escuro do Arsenal, barafuster, gritar, tentar salvar aquele a quem garantirá a vida. Como é um valente, atira-se, mas a onda truculenta afoga-o. Põe-se á boca das espingardas e quer partilhar a sorte do homem que protegia.

Os tiros passam. Atiram-lhe e postram-no. Vae para o posto e só socega quando lhe garantem que o seu amigo está salvo. Vae para o hospital. Sabe da morte de Granjo e chora. É um valente. Todavia, esse valente tem em casa mulher e tres filhos; esse valente tudo arriscou, tudo. Arriscou a vida, que tudo vale, e em tão pouca conta, tão barata aquela noite esteve.

Cunha Leal foi um bravo. Cunha Leal foi digno. Se, como politico, teve erros, como homem, apagou-os. O *Seculo* presta homenagem a Cunha Leal, um valente, um homem honrado, um character. Cunha Leal foi, no meio das bestas-feras, no meio dos comodistas, no meio dos medrosos e no meio dos cobardes—um Homem!



Dr. José Delgado

Está entre nós, com demora de alguns dias e acompanhado de sua esposa e filhinha, este nosso presadissimo amigo, dignissimo notario em Tomar, que aqui veiu expressamente para fazer as suas despedidas de Figueiro onde viveu 11 anos e conquistou as simpatias de todas as classes pelas suas qualidades de character e de inteligencia. Eviamos-lhe o nosso abraço de verdadeira estima.

Carta a Macondes

Minha querida amiga:

A ultima carta escrevit'a do Avelar, mas esta—vê tu como as coisas são—escrevo-a já de um logar afastado, perdido entre meia duzia de serras, que da minha terra mal se avistam.

Nunca por aqui tinha passado e desconhecia absolutamente toda esta região.

Todavia, confesso-te que me não sinto mal no silencio deste deserto e que nem mesmo notei, como esperava, a mudança repentina do meio. Não. Vou-me, até, convencendo, assim, de que em toda a parte se vive. A questão está toda no temperamento do homem e um pouco no habito que se adquiriu de viver longe do Mundo, a sós com a Natureza.

Por que, sabes?

Aqui perdido entre serras e serras, variadas na forma e na vegetação, ouvindo, apenas, o rumorejar dos pinheiros nas encostas e o farfalar das ramarias mais proximas, nas batidas do vento, sinto-me um pouco Camilo em S. Miguel de Seide... e acredito mais facilmente que a Belesa é puramente convencional e em toda a parte existe. O ponto é sabel-a descobrir mais—nada.

Tu amarás a cidade e dirás que toda a vida que lhe não pertença, ou com ela se não prenda, é uma vida de tedio e infundavel aborrecimento. Engano, perfeito engano! Nada mais emocionante, mais comovedor e atraente, do que esta existencia do campo, este passadio simples, sem artificios e sem vaidades—que ainda nos vem, com a tradição, dos velhos tempos das kalendas gregas... E' tambem certo que eu tenho uma qualidade, que, em absoluto te falta: Adopto-me rapidamente ao meio, para onde o Acaso me atira e sinto até deleite certo espiritual em poder estudar, tranquilamente, a vida simples desta gente, laboriosa e crente, podendo, á noite, por horas mortas, através duma janela estreita, numa casa á antiga portugueza,

SECCAO LITTERARIA

DESALENTO

(A quem me entender...)

Tenho dentro de mim, no coração
A tristeza das tardes doentias,
E sinto derruir, todos os dias,
A rosea cathedral da Ilusão...

Sob o pó dos escorbros, pelo chão,
Ficam mortas as minhas alegrias
E, comigo, só levo as agonias
Duma longa e continua decepção...

O Presente (ai! meu Deus!) é um mysterio
—Fumo branco, que o vento vae levando
Do passado ao emenso cemiterio...

Vejo tudo a sumir-se no seu fim...
E eu, no meu destino miserando,
Tenho pena dos outros—e de mim!

AVELAR

Parente de Figueiredo

ouvir, lá fóra, o rumôr vago
das verdes ramarias, onde o
vento resa, desesperado, uma
oração de agonia. Isto, sim!
Retempera a alma, fortalece
o corpo e desenevôa o espirito
dos convencionaes preconceitos,
a que tu andas, infelizmente,
habituada.
Cá ficou, na Thebaida do
Pereiro, pensando e escrevendo.
Até breve.

Parente de Figueiredo

Literatura russa

Conto de Maximo Gorki:

A FELICIDADE

Um dia o Creador que se
aborrecera das queixas varia-
rias dos mortaes, disse: Já
que nenhum de vós, está con-
tente com a sua sorte vou
conceder-lhes a facultade de
poder trocar vender, ou com-
prar as vossas qualidades e
virtudes tanto as moraes co-
mo as fisicas. Que alvoroço
produziu esta concessão do
Eterno! Que alegria tão uni-
versal! Os jornaes traziam
anuncios no estilo seguinte:
«Deseja-se uma cabeça de
mulher bonita com cabelos
loiros, e labios rosados».

«Vende-se uma fisionomia
de homem, muito propria pa-
ra governador de governador
de provincia (sheid'ewr)».

«Braço forte herculeo, que
derruba um touro com um só-
co, aluga-se por horas».

Ao principio tudo correu
bem; os ricos compraram o

que lhes faltava e os pobres
remediaram a sua felicidade
vendendo tudo o que tinham
de bom, o que não lhes dava
nem para comer.

Muitos sabios alugaram ca-
beças de malucos para usá-
las de quando em quando.
Os prestamistas apanharam
ocasião d'escolher as melho-
res qualidade e converteram-
se em seres de classe infinita-
mente superior.

— Porque não deixaes bom
Deus tudo como estava?

Os humanos começaram a
injuriam-se uns aos outros.
Depois ouve uma guerra. E...
era verem-se os caracteres
iracundos misturarem-se com
os rostos desleaes, braços
quebrados ligarem se as per-
nas paralyticas, tudo isto pai-
rando sinistramente no ar. A
pobre humanidade ficou mais
descontente do que nunca: Se
queres ser feliz, conforma-te
com o que tens.

(Da revista espanhola *Lo
Mundo*)

(De Pouchkine)

"O CHALE PRETO,"

Olho como um doido para
o chale preto e o meu cora-
ção de gelo, enche-se de amar-
gura. Quando eu era novo e
crente, amei loucamente uma
grega.

A formosa rapariga adora-
va-me; mas bem depressa
chegou a hora de meus pe-
sares.

Estava um dia em compa-
nhia de alegres convivas,

quando um infame me bate á
porta. «Estás a divertir-te
com os amigos segredou-me
ele, sem te lembrares que nes-
te momento é atraído pela
amante». Dei-lhe oiro e amal-
dicoei-o.

Em seguida chamei um ser-
vo fiel, montei a cavallo e fui
a casa d'Ela.

Fui dar com ela no colo de
um arménio. A minha espada
sibilou e o traidor nem tempo
teve para acabar um beijo.

Recalquei aos pés o corpo
do miseravel, olhando-a silen-
ciosamente.

A grega morreu tambem, e
com ela o meu amor mor-
reu... Arranquei-lhe da ca-
beça inanimada, o chale pre-
to, e com ele limpei a espada
ensanguentada.

Logo que anoiteceu, o meu
escravo lançou os dois corpos
á agua do Danubio, e desde
então nunca mais beijei olhos
alguns, e se olho para o chale
preto, o meu coração enche-se
de tristeza e de amargura.

Traduzido do espanhol por

Jorge Ramos (Rebus)

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO
DOS VINHOS

1.ª publicação

PELO Juizo de Direi-
to desta comar-
ca e cartorio do
segundo officio, correm edi-
tos de trinta dias citando
Manoel da Silva viuvo an-
sente em parte incerta no
Brazil para assistir a todos
os termos até final do in-
ventario orfanologico por
obito de sua mulher Maria
da Piedade, moradora que
foi no lugar da Povoá.

Figueiró dos Vinhos, 24
de outubro de 1921.

Eu Fernando Guedes da
Silva, escrivão o subscrevi.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Pereira de Carvalho

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO
DOS VINHOS

1.ª publicação

PELO Juizo de Di-
reito desta co-
marca, cartorio
do primeiro officio, correm
editos de 30 dias citando
Dona Maria da Graça Val
Coelho do Amaral, ausente
em parte incerta em São
Tomé—Africa Ocidental,—

para todos os termos até
final do inventario orfanolo-
gico por obito de seu filho
Doutor Adalberto Soares do
Amaral Pereira, que foi mo-
rador nesta vila.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Pereira de Carvalho

Anuncio

2.ª publicação

PELO Juizo de Di-
reito da Comar-
ca de Figueiró
dos Vinhos correm editos
de trinta dias, citando o in-
teressado Lusitano Joa-
quim, ausente em parte in-
certa, para assistir a todos
os termos até final do in-
ventario orfanologico por
obito de sua mãe Tereza
Maria, moradora que foi no
lugar de Vilar.

Figueiró dos Vinhos, de-
sanove de outubro de mil
novecentos e vinte e um.
Eu Fernando Guedes da
Silva, escrivão e subscrevi.
Verifiquei

O Juiz de Direito

Pereira de Carvalho

CONCURSO

2.ª publicação

A Comissão Executiva
da Camara Municipal do
concelho de Castanheira de
Pera, faz publico, que se
acha aberto concurso, por
espaço de 30 dias, a contar
da segunda e ultima publi-
cação deste anuncio no
«Diario do Governo», para
o provimento do lugar de
Chefe da Secretaria da mes-
ma Camara, com o venci-
mento annual de 300\$00 e
ajuda de custo de vida nos
termos da lei n.º 1:173 de
1 de junho ultimo.

Os concorrentes deverão
apresentar os seus requere-
mentos devidamente ins-
truidos, dentro do prazo, na
Secretaria da Camara.

Castanheira de Pera, 17
de outubro de 1921.

O Presidente da Comissão Executiva
Manoel Antunes Ceppas

BATATAS

Vende uma ou duas to-
neladas Domingos dos San-
tos Moraes—Carapinhal—
Figueiró dos Vinhos.

JOSÉ MARTINHO SIMÕES

Advogado

Consultas na Rua Dou-
tor Afonso Costa—Figueiró
dos Vinhos—n'uma depen-
dencia do escritorio do es-
crivão notario Elisio de
Carvalho, das 11 ás 16 ho-
ras.

DINHEIRO

**Empresta-se sobre
hypotheca e nesta
redacção se diz.**

**Tipografia
Figueiroense:**

Encarrega-se de todos
os trabalhos graficos por
preços muito convidati-
vos.

**MATERIAL TIPOGRAFICO
E MAQUINISMOS NOVOS**

Papeis e cartões
para todos os traba-
lhos de luxo

**Grande varie-
dade de cartões
de visita.**

Encarrega-se de
tudo os trabalhos em
impressos para reparti-
ções publicas, tribunaes,
programas, recibos, factu-
ras, timbragem de papel e
envelopes, etiquetas para
farmacias, fabricas, etc.:

**Perfeição e
rapidez na exe-
cução de todas
as encomendas.**

Pedidos á Tipografia Fi-
gueiroense—Figueiró dos
Vinhos.

PROPRIEDADE

Em talhões ou junta, ar-
renda-se a propriedade de
Francisco Simões Ladeira,
na *Ribeira de S. Pedro*, limi-
te d'ella vila.

Trata-se com o proprio.

Manoel Simões Barreiros

MEDICO

Consultas das 10 ás 14
horas no seu consultorio—
Praça dr. Antonio Pimen-
ta: